

Caminhar e expressar a cidade coletivamente, uma experiência de ensino-aprendizagem na Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Hélio Hirao

Professor Doutor, UNESP, Brasil
helio.hirao@unesp.br

Carolina Silva Tarocchi

Mestranda, UNESP, Brasil
carolina.tarocchi@unesp.br

Marina Biazotto Frascareli

Mestranda, UNESP, Brasil
mb.frascareli@unesp.br

RESUMO

O artigo experimenta metodologias de apreensão e cognição dos espaços da cidade. Compartilha o desenvolvimento de uma disciplina no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Estadual Paulista (Unesp) com a discussão teórico-metodológica complementada pela prática da Deriva e da Cartografia em um espaço comum na Vila Colonial na cidade de Bauru, SP. Distancia-se dos métodos representacionais tradicionais de leitura da cidade e se aproxima dos que expressam a cidade subjetiva, dos atravessamentos pelos afetos dos corpos e ambiências para visibilizar os territórios existenciais e, assim, pensar e construir uma cidade para e com as pessoas que habitam o lugar. Nesse procedimento metodológico do caminhar errante, o trabalho reconhece as resistências à cidade funcionalista e produtivista e expressa, por meio de cartografias afetivas, ainda em processo de construção, uma linguagem visual, como um instrumento de pesquisa que possibilite relatar a cidade real.

PALAVRAS-CHAVE: Deriva. Cartografia Afetiva. Cidade Subjetiva.

1 INTRODUÇÃO

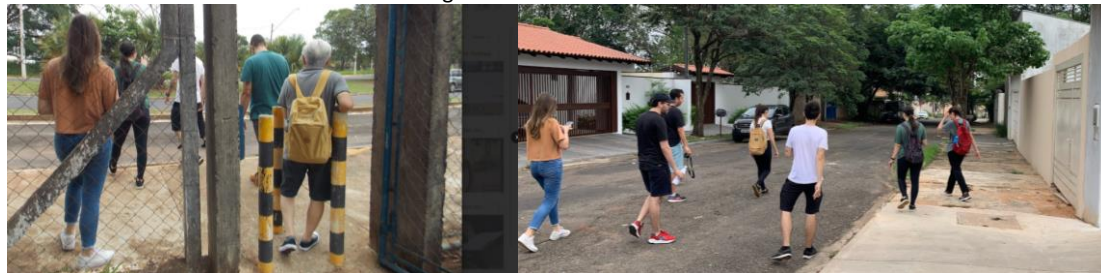
O artigo acompanha e expressa a disciplina “Reconhecimento dos espaços habitados da cidade: deriva e cartografia” desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da Universidade Estadual Paulista - FAAC/UNESP, presencialmente em 2023, na cidade de Bauru, SP.

A experimentação acadêmica estimula a construção de alternativas metodológicas de apreensão e cognição dos espaços habitados na cidade, distanciando da que nos é hegemonicamente determinada como desígnio para ações dos corpos com sua ambiência. Aponta aos alunos a possibilidade da identificação e o reconhecimento da cidade em suas multiplicidades, diversidades e singularidades de seus espaços e corpos, aproximando-se dos métodos e concepções teóricas que considerem as relações interdisciplinares, atravessados pelas tessituras das intensidades de forças e afetos¹ entre corpos e ambiência, compondo com a história (tempo) e a geografia (território), visando ressignificar os espaços habitados qualificados para a produção de vida e da realidade.

Das discussões textuais para experimentações espaciais através da prática da deriva (Figura 1) e da cartografia, faz a apreensão e cognição da cidade subjetiva, no reconhecimento entre corpos e ambiências atravessados pelos afetos.

¹ Espinosa delinea afeto como “[...] as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções” (Espinosa, 2009, p. 93). Veja mais em: DELEUZE, G. *Espinosa: Filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002, pp. 55-60.

Figura 1 – Prática da Deriva



Fonte: Grupo de Pesquisa "Projeto, Arquitetura e Cidade" (2023).

O grupo discente foi formado por alunos vindos de diversas cidades de porte médio do interior paulista e mineiro, que no Programa de Pós-graduação têm orientações de diferentes ações teórico-metodológicas, compondo uma multiplicidade e heterogeneidade do conhecimento científico na construção de um experimento singular. Assim, a experiência agora se apresenta de forma inovadora em comparação às atividades anteriormente conduzidas pelo grupo de pesquisa "Projeto, Arquitetura e Cidade". O grupo explora práticas metodológicas semelhantes em disciplinas de graduação, mas a atual abordagem se destaca ao envolver uma diversidade de pesquisadores de diferentes abordagens metodológicas e de pós-graduação em nível de mestrado. Isso confere ao processo um caráter mais crítico e participativo, explorando novas discussões.

O módulo teórico-metodológico busca uma aproximação com a filosofia da diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari, as inquietações de Guy Debord, a psicologia cognitiva e comportamental de Virgínia Kastrup e Eduardo Passos, atravessados pelas reflexões de arquitetos e artistas caminheiros como Francesco Careri, Paola Berenstein Jacques, Eduardo Rocha, Iazana Guizzo, entre outros.

Desse modo, imersa no rizomático movimento da tessitura dos pensamentos estudados, com muitas linhas soltas, abertas e confusas, faz-se a prática. Caminhar, atravessar os espaços, encontrar o outro, imergir na atmosfera da ambiência, conectar-se com os múltiplos tempos ativados pela memória, desterritorializar² para expressar a produção da realidade foram os desafios colocados para todos.

2 PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A experimentação acadêmica realizada desenvolveu encontros de discussões sobre textos de autores com abordagens teórico-metodológicas alternativas em busca de expressar o rizoma das tessituras de relações entre o corpo e a ambiência da cidade, aproximando-se das apreensões afetivas, dos processos cognitivos coletivos e, afastando-se dos meios representacionais que supostamente são objetivos e neutros.

O artigo se preocupa com a construção de uma narrativa coletiva composta com os efeitos de contágio e intervenção (Kastrup, 2023), para além da identificação das relações objetivas, produtivas e funcionais, com a apreensão das relações de resistências, de desvio, de

² Resumidamente, a desterritorialização diz respeito ao movimento através do qual se afasta do território, "é a operação de linha de fuga" onde os agenciamentos se desterritorializam (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

linhas soltas e de movimentos aberrantes que escapam dessa representação objetiva e hegemônica, buscando expressar forças transversais que habitam o espaço.

A evolução do conceito de deriva atravessa as discussões teórico-metodológicas realizadas. Compõem as camadas de conteúdos desde as flanâncias de Charles Baudelaire e João do Rio, passando pelas deambulações modernas dos surrealistas e letristas, das derivas situacionistas de Debord (2003 [1958]) até o caminhar e parar de Careri (2017) e as experimentações do Grupo de Pesquisa “Projeto, Arquitetura e Cidade”, da Universidade Estadual Paulista – UNESP, que conduz o processo desenvolvido na disciplina.

Esse método experimental e processual procura apreender com a imersão na ambiência da cidade, abrir-se aos movimentos das forças e afetos entre corpo e ambiência, criando situações lúdicas construtivas deixando se acompanhar pelos eventos, podendo encontrar o outro ao acaso, nessa prática do caminhar indeterminado, perder-se para conhecer (Careri; Chaparim; Caon, 2022).

Desta forma, o caminhar como prática metodológica reconhece a cidade em sua multiplicidade e heterogeneidade de seus espaços e diversidade de seus corpos (Deleuze; Guattari, 2011), atentos aos rastros, pegadas e vestígios atravessados de afetos e da espessa camada de tempos heterogêneos materiais e imateriais, que expressam, desse modo, as coexistências, as simultaneidades desses singulares territórios conflituosos ou pacificados, em movimentos constantes de transformação.

Essa experiência espacial reconhece os dissensos e os conflitos urbanos como legítimos e necessários para a composição da esfera pública e dos espaços públicos. Tais relações entre corpos e ambiências, não planejadas e nem pacificadas, potencializam a construção de uma cidade menos espetacular, mas lúdica e experimental, que intensifica e estimula o sentimento de pertencimento ao lugar e valoriza o sistema não funcional e improdutivo.

Neste sentido, a abordagem rizomática se abre para a compreensão da produção de vida em sua complexidade e processualidade, trata das conexões entre corpos e ambiências, múltiplas, heterogêneas e singulares, onde todos os pontos se conectam, sem restrições hierárquicas ou centrais, potencializando linhas de fuga e resistências, abrindo o espaço para reconfigurações e recriações, para além das determinações hierárquicas, já dadas e estabilizadas ou pacificadas. Esse pensamento se aproxima do mapa aberto, “[...] voltado para uma experimentação ancorada no real”, aberto, desmontável, reversível, sujeito a modificações permanentes, sempre com múltiplas entradas, ao contrário do decalque, que “[...] volta sempre ‘ao mesmo’” (Deleuze; Guattari, 2011, pp. 17-22). Desta forma, utiliza-se da cartografia expressiva para compor o rizoma e visibilizar os afetos.

A cartografia surge em processo, desde as leituras e discussões em sala, deslocando-se para o adentramento do espaço cotidiano da cidade, até a reterritorialização do corpo afetado pelo espaço que, por fim, escambia suas experiências em uma atmosfera coletiva, tentando expressar em múltiplas linguagens visuais do espaço percorrido. A cartografia compõe o procedimento metodológico que visibiliza os atravessamentos das relações, dos afetos entre os corpos e as ambiências, afastando-se das apreensões já estabelecidas, das representações tradicionais em busca de expressar esse afeto reconhecido de outra forma (Deleuze, 2007). As

coletas, os cheiros, os encontros, transferem-se em potencialidades expressivas e compõem um mapa aberto (Figura 2), lúdico e existencial.

Figura 2 – Prática da Cartografia



Fonte: Grupo de Pesquisa “Projeto, Arquitetura e Cidade” (2023).

Desenvolve-se, neste sentido, uma linguagem artística coletiva, aproveitando-se das potencialidades individuais de cada aluno com seu domínio artístico, construindo composições visuais ao justapor objetos coletados, imagens captadas e impressas, formas, cores, palavras, traços e gestos que carregam o desafio de expressar sensações, sentidos, dinâmicas e invisibilidades. Para além da simplicidade, o processo torna-se árduo e libertador, pois desterritorializa corpos já criados e petrificados, que voltam a entender o poder da comunicação livre e intensa.

A prática se apoia na ideia de *Collage* (Fuão; Santos, 2023), contrária a regras normatizadas, construídas na emergência do caos, engendra partes recortadas das fotos e desenhos, agora retiradas de sua ordem estabelecida, em suas múltiplas possibilidades de arranjos que possibilitam visibilizar em aberto as forças e os afetos reconhecidos, expressados em seu movimento com modulações, intensidades, conexões e agenciamentos, potencializando expressar o processual. Deste modo, é

(...) um movimento de criação, onde as idealizações e representações da inteireza caem por terra, precisam ser esquecidas, para que montemos um novo mundo possível. Ela existe para incomodar, para criticar, para opinar. É uma linguagem de desacomodação, e não busca acomodar nada, é uma antilinguagem, que grita contra qualquer sintaxe. (Fuão; Santos, 2023, p. 11)

Assim, as cartografias expressam, pela linguagem visual, essa intensidade das tessituras de relações entre corpos e ambiências. É um processo em aberto para a apreensão e cognição da cidade real, uma abordagem que visibiliza no rizoma os agenciamentos dos corpos que resistem à lógica funcional e produtiva que ativa os valores existenciais da cidade.

O trabalho aponta para a potencialidade dessa ferramenta metodológica de estimular os diversos corpos que compõem a cidade, a visibilizar e ativar esses múltiplos, heterogêneos e diversos territórios existenciais como possibilidades de construção compartilhada de uma cidade menos espetacular, mas mais humanizada.

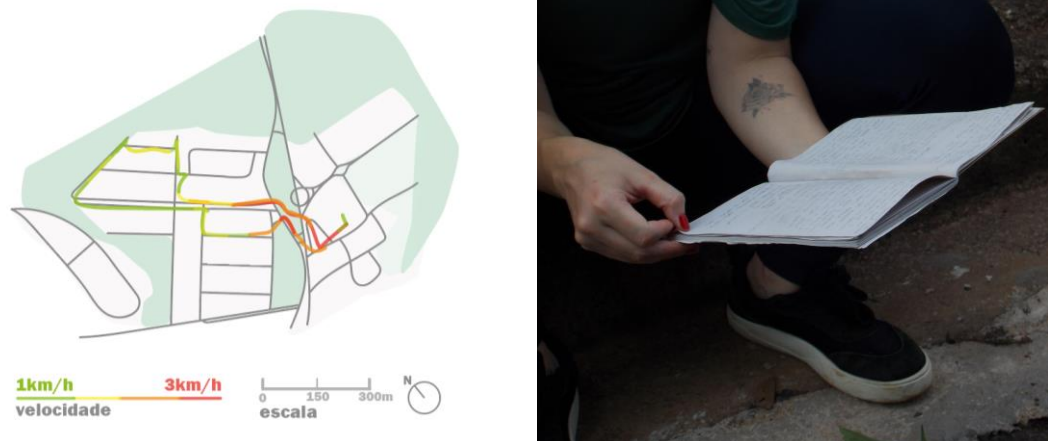
3 EXPERIMENTAÇÃO DO ESPAÇO

Com o conteúdo teórico-metodológico em aberto a partir das discussões realizadas, ainda com muitos ruídos e lacunas em um processo de construção do conhecimento científico, o trabalho se complementa com uma aplicação prática em um espaço comum da cidade de Bauru. Dentro das limitações econômicas e de tempo de uma disciplina do programa de pós-graduação, a deriva aconteceu nas proximidades do campus da FAAC/UNESP, no Bairro Jardim Colonial.

O grupo de alunos com oito pessoas formadas em Arquitetura e Urbanismo, faixa etária entre 24 a 30 anos, oriundos de diversas cidades do interior paulista e mineiro, apenas um deles com conhecimento da metodologia desde a graduação, realizaram a experimentação prática da errância.

No início da prática, o GPS do celular individual dos participantes foi conectado para registrar o trajeto realizado. O caderno de diário de bordo acompanhou todo o percurso, anotando as impressões, as sensações, os diálogos, enfim, os atravessamentos dos afetos apreendidos (Figura 3). As fotos captadas pelo celular também auxiliam nesse processo para compor a construção das cartografias com a utilização da *collage*.

Figura 3 – Percurso da Deriva/GPS e o diário de bordo



Fonte: Grupo de Pesquisa “Projeto, Arquitetura e Cidade” (2023).

Assim, em um dia de semana, terça-feira de manhã, demasiadamente ensolarado, o grupo atravessou um bairro residencial, iniciou o processo de se perder para conhecer. Procurando se libertar das determinações dos desígnios projetuais do urbanismo, o corpo interage na ambiência de acordo com os afetos que os atravessa (Figura 4).

Figura 4 – Imersão na ambiência



Fonte: Grupo de Pesquisa “Projeto, Arquitetura e Cidade” (2023).

Nesse processo de desterritorialização (Deleuze; Guattari, 2011), adentrando a ambiência, intervindo e se abrindo às linhas dos desvios, das resistências, mas se afastando da perspectiva funcionalista e produtiva da cidade, com a atenção flutuante e atenta (Kastrup, 2007), o grupo encontra o Outro ao acaso (Figura 5), interage, conecta-se, inserindo-se no cotidiano do bairro. São encontros de corpo para corpo, não hierárquicos, que viabilizam um contato de aproximação que é capaz de criar laços, no qual o ato de apresentar os frutos plantados no canteiro possibilita apreender o cuidado, a afeição, o anseio, a vontade, a mudança.

Figura 5 – Encontros casuais com os corpos do lugar



Fonte: Grupo de Pesquisa “Projeto, Arquitetura e Cidade” (2023).

Esse encontro casual também acontece com os objetos que afetam os corpos caminantes (Figura 6). A cor, a textura, o cheiro, o tato, o som que toca o sensível são coletados para depois, em expressão cartográfica, narrar a ambiência vivenciada.

Figura 6 – Processo de coleta dos corpos de afetos



Fonte: Grupo de Pesquisa “Projeto, Arquitetura e Cidade” (2023).

A deriva como experimentação durou duas horas, devido às condições climáticas, foi cansativa e extenuante. Ao tirar os carrapichos das roupas, nos corredores da sala de aula, os alunos comentavam com o olhar de satisfação, a cidade em que os corpos que a habitam, a transformam de forma criativa, reterritorializando e ressignificando a produção de vida na cidade funcionalista e produtiva.

4 EXPRESSÃO CARTOGRÁFICA

A construção de narrativa coletiva, não representacional da experimentação espacial realizada, através de uma linguagem visual, foi a proposta efetivada na parte da tarde do mesmo dia, em sala de aula. A ferramenta disponível para se fazer a expressão cartográfica foi composta de papel *kraft* com cerca de três metros de comprimento por um metro de largura, de base para receber a composição de uma linguagem visual com os objetos coletados, espacializados no percurso realizado (Figura 7). Os alunos iniciaram o processo de relatar a experiência, de forma coletiva, com a participação de todos os envolvidos.

Figura 7 – Cartografia com a coleta dos objetos



Fonte: Grupo de Pesquisa “Projeto, Arquitetura e Cidade” (2023).

A fita cassete coletada foi desmontada e a linha plástica possibilitou demarcar a caminhada errante realizada. A esse mapa foram sobrepostos e espacializados os objetos recolhidos pelos afetos sentidos. Em sequência, os alunos selecionaram e imprimiram as fotos coloridas tiradas na deriva, que possibilitaram ser recortadas e organizadas acompanhando o processo da *collage* para construir a expressão cartográfica (Figura 8).

Figura 8 – Cartografia com a coleta mais a *collage* das imagens capturadas



Fonte: Grupo de Pesquisa “Projeto, Arquitetura e Cidade” (2023).

Ao finalizar do dia e das discussões sobre o produto transitório, o grupo sentiu falta da expressão dos sentidos, das tessituras do “entre” os corpos e a ambiência, atravessados pelos afetos. Era um relato apenas dos objetos afetantes, e não do rizoma afetivo.

Neste sentido, na manhã do dia seguinte, com a utilização de tintas, hidrocor e lápis de cor, os alunos conectaram com formas, cores e palavras a atmosfera sensitiva, relatando o cotidiano da Vila Colonial de Bauru (Figuras 9 e 10), visibilizando o seu habitar para além do funcional e produtivo, o existencial e o nômade, até então invisível para os corpos caminhantes.

Figura 9 – Cartografia de forças e afetos



Fonte: Grupo de Pesquisa “Projeto, Arquitetura e Cidade” (2023).

Figura 10 – Detalhe da Cartografia de forças e afetos



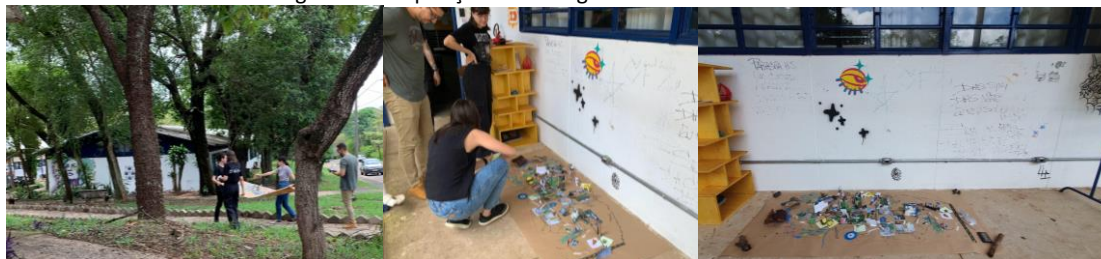
Fonte: Grupo de Pesquisa “Projeto, Arquitetura e Cidade” (2023).

A expressão cartográfica, diferente da representação tradicional do espaço, relata de forma não verbal, compondo com os valores artísticos, com dados não objetivos e funcionais, uma cidade que precisa ser visualizada ao se pensar em qualquer tipo de intervenção arquitetônica e urbana.

5 COMPARTILHAMENTO EM ABERTO

Como método processual, a cartografia expressa um processo em aberto, como a realidade também, que está em constante movimento de transformação. A cartografia precisa sempre ser atualizada. Sendo assim, é necessário ser compartilhada com os corpos do lugar e de fora do lugar. A construção da cidade é coletiva e compartilhada, e só se justifica desse modo.

Figura 11 – Exposição da Cartografia nos Ateliers da FAAC



Fonte: Grupo de Pesquisa “Projeto, Arquitetura e Cidade” (2023).

A experimentação da disciplina conduziu a cartografia realizada para outro espaço além da sala de aula, nos espaços dos ateliers dos cursos de Arquitetura, Artes e Design da FAAC UNESP (Figura 11), como início de um processo de abertura para discussões com outros, que precisa se ampliar para o desenvolvimento dessa metodologia proposta, constituindo-se, também, em um movimento de desapego da produção.

Essa provocação colocada no espaço de criação dos alunos ficou sem continuidade devido ao término da disciplina, contudo ativa inquietações nos processos criativos de ensino e aprendizagem de Arquitetura, Urbanismo, Design e Artes. A cartografia realizada é também efêmera em sua materialidade, porque com o tempo ela se desfez. Mas, por outro lado, segue inscrita nos corpos que a realizaram e com os corpos que a encontraram e interagiram.

6 REFLEXÕES EM MOVIMENTO

O experimento foi realizado mesmo com as limitações de uma disciplina de um curso de pós-graduação, ainda considerando que foi realizado em sua primeira versão, além de contribuir para a pesquisa de cada aluno com a utilização ou não dessa metodologia, possibilita reflexões que contribuem para o desenvolvimento e a evolução de cada um.

Foi um processo de ordem da singularização, pois o experimento emerge nos movimentos de protesto do inconsciente contra os modos convencionais de representação do mundo. Neste contexto, os participantes afirmam outras maneiras de ser, outras sensibilidades, outras percepções. A disciplina assume função automodeladora, captura elementos da situação responsável por construir referências e práticas teóricas que desviam das ações hegemônicas. O procedimento de tornar visível as invisibilidades produzidas pela falta de experimentação do corpo com o espaço, leva a descoberta de territórios que habitam as ambiências ao desterritorializar e reterritorializar a cidade.

As dificuldades de expressar essa tessitura do atravessamento dos afetos pelos corpos e ambiências em um mapa aberto, afastando-se das representações tradicionais dos espaços, ainda permanecem, mas os alunos encaminham essa busca, mesmo com muitas lacunas e ruídos. Sem reconhecer essa cidade singular, dos valores existenciais, da produção de vida, além da objetiva e funcionalista, qualquer projeto ou intervenção não considera a cidade habitada e construída pelos corpos que a habitam.

A apreensão e cognição dos afetos que atravessam esse bairro potencializam as sensações de pertencimento das pessoas com esse lugar ativando ações nesse território que valorizam a vida na cidade, de forma criativa e efêmera, acompanhando o seu constante movimento de transformação considerando o devir e a alteridade. É através das tentativas de sensibilização da vida que se desencadeiam os processos de reapropriação dos territórios subjetivos (Rolnik; Guattari, p. 47, 2006).

A cartografia é uma construção transitória, que apresenta uma expressão em aberto acompanhando o fluxo do movimento em transformação da realidade, que nunca é estática, possibilitando um reconhecimento criativo e efêmero coerente com a vida da cidade, precisando ser sempre atualizada. A disciplina foi ministrada com discentes de diferentes níveis de conhecimento e de experiência anterior da metodologia, o que não interferiu no processo de construção das cartografias afetivas. Como foi coletiva desde a deriva, ocorreu com uma somatória de relatos.

Da mesma forma, a prática da expressão gráfica favoreceu a composição de aplicações de técnicas de artes visuais, de acordo com o domínio técnico de cada um, mas como experimental, os alunos soltaram o traço, a princípio com poucas restrições, para manifestarem os valores sensitivos vivenciados.

Como produção coletiva, a composição de relatos se acumula, dificultando a leitura da expressão gráfica criada, indicando possibilidades de criação por camadas de categorias de apreensão e cognição com objetos coletados, *collage* de imagens e desenhos, para depois, com a realização de cortes transversais, ter-se a visibilidade de determinadas ambiências. Como método processual, o experimento está em aberto, potencializando ainda a realização de novas experimentações para compor com as camadas já realizadas que se somam, neste caminho

inquietante e instigante de construção compartilhada da cidade pelas e com as pessoas que a habitam e expressam seus afetos e visibilizam a vida cotidiana.

7 REFERÊNCIAS

CARERI, Francesco. **Caminhar e parar**. Barcelona: Gustavo Gili, 2017.

CARERI, F.; CHAPARIM, M. A. S.; CAON, P. M. Entrevista com Francesco Careri – a Internacional Situacionista e as derivas contemporâneas. **Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online)**, v. 20, pp. 255–278, 14 jul. 2022.

DEBORD, Guy. Teoria da Deriva. In: JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da Deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

DELEUZE, G. **Espinosa**: Filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, G. **Pintura, el concepto de diagrama**. Buenos Aires: Cactus, 2007.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs - vol. 1**: Capitalismo e esquizofrenia. 2ª ed. [s.l.] Editora 34, 2011. v. 1.

FUÃO, F.; SANTOS, T. B. DOS. COLLAGE I: **PIXO - Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade**, v. 7, n. 26, pp. 10–21, 26 set. 2023.

KASTRUP, V. A escrita cartográfica e a dimensão coletiva da experiência. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 9, pp. 160–175, 18 dez. 2023.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, pp. 15–22, abr. 2007.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, 2011.

ROLNIK, Suely; GUATTARI, Félix. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Buenos Aires: Tinta Limón, 2006.

SPINOZA, **Ética**. Tradução: Tomaz Tadeu. Ed. 2. Editora Autêntica, 2009.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Este processo desenvolvido faz parte das atividades de treinamento técnico-científico da Pesquisa Regular Processo FAPESP no. 2022/15050-2 – “Sistemas de produção do transporte: metodologias multidisciplinares em história do transporte e patrimônio industrial”.